

---

**ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM FRENTE A PACIENTES  
COM DOR ONCOLÓGICA**

Gabriela de Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Nataly Tsumura Inocencio Soares<sup>2</sup>  
Roseli Victorio Vitor<sup>3</sup>  
Mayara Cristina da Silva Santos<sup>4</sup>  
Andressa Midori Sakai<sup>5</sup>

**RESUMO**

O câncer é uma patologia que vem aumentando no mundo a cada ano. Com o início do tratamento de câncer os pacientes poderão apresentar sinais e sintomas relacionado a dor, que é responsável pela diminuição na produtividade e baixa qualidade de vida dos pacientes. O presente estudo tem como objetivo descrever as formas de atuação dos profissionais de enfermagem frente à pacientes com dor oncológica. Trata-se de uma revisão integrativa, realizada nas bases de dados LILACS, SCIELO e PUBMED, de artigos disponíveis na íntegra, em português ou inglês entre os anos de 2010 a 2020. Os principais achados do estudo demonstram que a principal forma de atuação dos profissionais de enfermagem frente à pacientes com dor oncológica ocorre a partir da aplicação de terapia medicamentosa, seguindo também da aplicação de medidas não farmacológicas que se usadas em sua totalidade promovem conforto e conseqüentemente alívio da dor. Ainda a comunicação, o trabalho em equipe e a avaliação da intensidade da dor também foram outras medidas de atuação dos profissionais de enfermagem. Conclui-se que os profissionais de enfermagem atuam de diferentes formas para minimizar a dor do paciente oncológico, sendo a mais frequente o uso de terapias medicamentosas, seguido das terapias não medicamentosas, da comunicação, do trabalho em equipe e da avaliação da intensidade da dor por meio de escalas.

128

**Palavras-chave:** Dor do câncer. Cuidados de enfermagem. Manejo da dor. Oncologia.

**ABSTRACT**

Cancer is a pathology that is increasing in the world every year. With the start of cancer treatment, patients may present signs and symptoms related to pain, which is responsible for a decrease in productivity and low quality of life of patients. The current

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

<sup>2</sup> Enfermeira docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

<sup>3</sup> Enfermeira docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

<sup>4</sup> Enfermeira docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

<sup>5</sup> Enfermeira docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

study aims to describe the ways in which nursing professionals work with patients with oncological pain. This is an integrative review, carried out in the databases LILACS, SCIELO, and PUBMED, of articles available in full, in Portuguese or English, between the years 2010 and 2020. The principal findings of the study demonstrate that the main form of action of nursing professionals when dealing with patients with oncological pain occurs through the application of drug therapy, followed by the application of non-pharmacological measures, which if used in their entirety promote comfort and, consequently, pain relief. Communication, teamwork, and evaluation of pain intensity were other measures used by nursing professionals. It is concluded that nursing professionals act in different ways to minimize the pain of cancer patients, the most frequent being the use of drug therapies, followed by non-drug therapies, communication, teamwork, and the evaluation of pain intensity through scales.

**Keywords:** Cancer pain. Nursing care. Pain management. Oncology nursing.

## 1 INTRODUÇÃO

O câncer é uma patologia que vem aumentando no mundo a cada ano, a estimativa da incidência de câncer no Brasil é de 625 mil para o ano de 2020 englobando todos os tipos de cânceres existentes (INCA, 2019). Com o início do tratamento de câncer os pacientes geralmente apresentarão sintomas desagradáveis incluindo a dor, além de náuseas, vômitos, dispneia, insônia entre outros, fatores estes que influenciam diretamente na funcionalidade do indivíduo (MACHADO; SAWADA, 2008).

A dor é definida pela Associação Internacional para Estudo da Dor (IASP) como “*uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a dano real ou potencial de tecidos ou descrita em termos de tal dano*” (IASP, 2010). Em pacientes oncológicos ela simboliza um momento de sofrimento, estima-se que na evolução da doença aproximadamente 80% dos pacientes com câncer sofrerão com períodos de dor (BRASIL, 2001).

Segundo Song *et al.* (2015) a dor é responsável pela diminuição na produtividade e baixa qualidade de vida dos pacientes. Além disso, o quadro repetido de dor pode resultar em danos emocionais, sociais e econômicos para os pacientes e seus familiares (LARA *et al.*, 2018).

Um estudo realizado em 2012 em uma unidade de emergência em hospital público, localizado no estado de São Paulo demonstrou que 83,1% dos pacientes

oncológicos buscam atendimento, tendo como principal queixa o quadro de dor (BOAVENTURA; VEDOVATO; SANTOS, 2015). Profissionais de enfermagem têm apresentado limitações diante da atuação frente à dor em pacientes oncológicos (CUNHA; RÊGO, 2015) e algumas instituições ainda não tem se preocupado na qualificação dos profissionais na atuação do gerenciamento de dor em pacientes oncológicos (NASCIMENTO *et al.*, 2011).

Para obtenção de adequado controle de dor é necessário que esta seja criteriosamente avaliada, conhecendo todas as suas características e possibilidades de tratamento (INCA, 2001), considerando sua complexidade devido à subjetividade da dor, o que exige dos profissionais de enfermagem domínio técnico-científico a fim de se estabelecer competências sólidas de gerenciamento da dor em paciente oncológico (CUNHA; RÊGO, 2015).

Considerando a importância da necessidade de controle adequado da dor para pacientes oncológicos e de atuação da equipe de enfermagem frente a estes pacientes, o presente estudo tem como objetivo descrever as formas de atuação dos profissionais de enfermagem frente à pacientes com dor oncológica.

130

## **2 MÉTODO**

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa, método utilizado para Prática Baseada em Evidência (PBE), no qual atua sobre uma temática específica, reunindo e sistematizando o conhecimento, bem como a aplicabilidade de resultados de estudos publicados na prática clínica (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para a elaboração da pesquisa foram seguidas etapas que regem a revisão integrativa, sendo elas: formulação de um problema, estabelecimento de critérios de pesquisa, coleta dos dados, análise dos dados e interpretação e demonstração desses resultados (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; CROSSETTI, 2012).

A pergunta norteadora para este estudo foi: “Quais são as formas de atuação dos profissionais de enfermagem frente a pacientes com dor oncológica?”

A busca por estudos foi realizada nos meses de abril e maio de 2020, nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) e *National Library of Medicine National Institutes of Health* (PUBMED).

Para a realização da busca de artigos optou-se por aplicar associação de descritores nacionais e internacionais, sendo eles selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) para os nacionais e *Medicinal Subject Headings* (MESH) para os internacionais. Os descritores nacionais selecionados foram: Dor do câncer, Cuidados de enfermagem, Oncologia, Manejo da dor e Enfermagem; e os descritores internacionais foram: *Cancer pain, Nursing Care, Oncology Nursing, Neoplasms e Pain Management*.

Utilizou-se como critérios de inclusão artigos completos no idioma português e inglês, publicados entre os anos de 2010 a 2020, disponíveis na íntegra e que abordavam sobre a temática atuação dos profissionais de enfermagem no manejo de pacientes com dor oncológica. Em relação aos critérios de exclusão, artigos que abordaram dor não oncológica, que estavam fora do período de 10 anos pré-determinados e não apresentavam como foco de pesquisa com profissionais de enfermagem.

Para avaliação dos estudos foram considerados os níveis de evidência de 1 a 6, sendo o nível 1 pesquisa oriunda de revisão sistemática; o nível 2 estudos de delineamentos experimentais; nível 3 evidências de estudos quase-experimentais; nível 4 estudos de abordagem qualitativa ou estudos descritivos; nível 5 evidências geradas de relatos de caso ou de experiências e nível 6 evidências oriundas de opinião de especialistas (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Os artigos foram analisados de forma descritiva, inicialmente foi realizada a leitura do título e resumo buscando preencher os critérios de inclusão e exclusão, após os artigos foram selecionados e lidos na íntegra de forma exaustiva com objetivo de responder à questão norteadora da pesquisa. Os estudos selecionados foram organizados visando construir a revisão integrativa da literatura.

### **3 RESULTADOS**

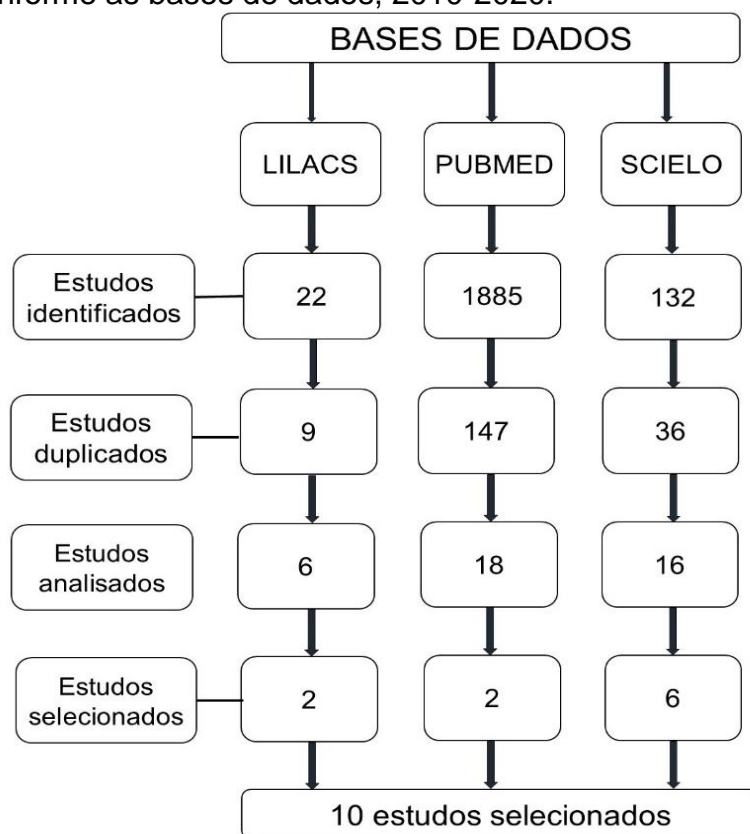
A estratégia de busca inicial identificou 2039 estudos, destes 192 foram excluídos devido à duplicidade. Por meio da triagem da leitura do título e resumo foram excluídos 1807 artigos. Na leitura dos conteúdos na íntegra (n=40), excluíram-se 30 artigos por não atenderem aos critérios de inclusão e não contribuírem em resposta a

questão norteadora, resultando em 10 produções científicas para este estudo (Figura 1).

Dos estudos selecionados, o ano de 2018 foi o ano de maior número de publicações com 3 artigos, seguido de 2015 e 2019 com 2 publicações e nos anos de 2013, 2016 e 2017 com 1 publicação em cada ano. Em relação ao idioma, 8 eram em português e 2 em inglês. Em relação aos métodos de pesquisas adotados, 50% eram de abordagem qualitativa, 30% de revisão da literatura e 20% de estudos transversais.

De forma mais específica, 4 estudos tratavam do gerenciamento de dor em pacientes oncológicos em geral, 3 abordavam o manejo da dor oncológica em crianças, 2 aplicados em unidade de cuidados paliativos e 1 na dor no pós-operatório oncológico.

**Figura 1** – Fluxograma de seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa conforme as bases de dados, 2010-2020.



Fonte: Silva (2020).

Com a análise dos resultados encontrados em cada estudo, os principais achados em relação à atuação de equipe de enfermagem frente à dor em pacientes

oncológicos seguiram da seguinte forma: a utilização de fármacos surgiu como principal método utilizado para alívio da dor sendo sido citado em 8 estudos, sendo que 5 destes associaram o uso de opióides como facilitador no controle da dor. As terapias não farmacológicas como medidas de conforto para promover alívio esteve presente em 5 artigos, 3 deles citaram a aplicação de calor como método utilizado, seguido de escuta terapêutica e cuidado humanizado citado cada um em 2 artigos (Quadro 1).

**Quadro 1** - Síntese dos estudos das formas de atuação dos profissionais de enfermagem frente ao paciente com da dor oncológica (n=10), 2010-2020.

Artigo/Tipo de estudo	Objetivo	Forma de atuação	Principais resultados
MACEDO, A.C.P.A.; ROMANEK, F.A.R.M.; AVELAR, M.C. Gerenciamento da dor no pós-operatório de pacientes com câncer pela enfermagem. <b>Rev. dor.</b> São Paulo, SP; Junho 2013, v. 14, n. 2, p. 133-136.	Descrever o gerenciamento da dor no pós-operatório imediato de pacientes com câncer pela equipe de Enfermagem perioperatória.	Humanização Escalas de avaliação da intensidade da dor Tratamentos farmacológicos Tratamentos não farmacológicos	- Os resultados desse estudo evidenciaram que o enfermeiro utiliza de métodos humanizados e subjetivos para assistência de Enfermagem, como também o uso de escalas para avaliação da intensidade da dor e sinais e sintomas, além de tratamento farmacológicos e não farmacológicos. - Os enfermeiros empregam, além das medidas farmacológicas, as complementares, como o conforto físico e emocional desses pacientes, a mudança de decúbito em caso de paciente acamado, o cuidado com o curativo da ferida operatória, a escuta terapêutica e o cuidado humanizado e subjetivo.
CHOTOLLI, M.R; LUIZE, P.B. Métodos não farmacológicos no controle da dor oncológica pediátrica: visão da equipe de enfermagem. <b>Rev. Dor.</b> , São Paulo, SP, junho 2016 v. 16, n. 2, p. 109-113.	Identificar escalas de mensuração da dor e métodos não farmacológicos utilizados por uma equipe de enfermagem da pediatria.	Escala de avaliação da intensidade da dor Terapia não medicamentosa	- A presente pesquisa mostrou uma dificuldade da equipe de enfermagem em escolher a escala de mensuração da dor, principalmente para as crianças de 0 a 2 anos. Em relação aos métodos não farmacológicos de alívio da dor, notou-se prevalência na escolha dos seguintes métodos: medidas de conforto, alterações no ambiente, massagem e calor.

<p>STÜBE, M. et al. Percepções de enfermeiros e manejo da dor de pacientes oncológicos. <b>REME rev min enferm.</b>, Belo Horizonte, BH, jul - set 2015; 19(3): 696-703.</p>	<p>Apreender a percepção de enfermeiros que atuam em Oncologia referente à dor do paciente e conhecer ações para seu manejo.</p>	<p>Terapia medicamentosa Terapia não medicamentosa Humanização Comunicação</p>	<p>- Reportam-se às ações de manejo da dor dos pacientes por meio do uso analgésicos, especialmente o opioides, além do cuidado com as posologia, indicações e cumprimentos de horários. - Para manejar a dor do paciente oncológico relacionam-se às medidas não farmacológicas, tais como aplicação de calor, mudanças de decúbito e estimular a deambulação. - Demonstrações de afeto, saber ouvir, diálogo com o paciente, apoio emocional, escuta terapêutica, transmitir informações corretas e esclarecer dúvidas foram ações citadas como produtoras de efeitos benéficos e significativos durante o tratamento de pacientes oncológicos. Isso porque o diálogo e a conversa aliviam a dor dos pacientes oncológicos.</p>
<p>OLIVEIRA, A.L.; SOBRINHO, N.P.; CUNHA, B.A.S. Manuseio da dor crônica em pacientes oncológicos pela equipe de enfermagem. <b>Rev. dor.</b>, São Paulo, SP, setembro 2016, v. 17, n. 3, p. 219-222.</p>	<p>Avaliar como ocorre o manuseio da dor crônica em pacientes oncológicos pela equipe de Enfermagem.</p>	<p>Terapia medicamentosa Terapia não medicamentosa Escalas de avaliação da intensidade da dor</p>	<p>- Os resultados evidenciam que a equipe de enfermagem utiliza instrumentos para avaliar a intensidade da dor, como também a terapia medicamentosa, sendo os fármacos anti-inflamatórios, opioides, antidepressivos, anticonvulsivantes, entre outros, foram os mais citados. Ainda, o uso de terapias não farmacológicas, como o uso de massagem terapêutica, apoio espiritual e medidas de conforto.</p>
<p>OLIVEIRA JUNIOR, N.J. et al. O papel da enfermagem no tratamento não farmacológico da dor de pacientes oncológicos. <b>Rev. dor.</b>, São Paulo, SP, setembro 2017, v. 18, n. 3, p. 261-265.</p>	<p>Descrever o papel da enfermagem no manejo não farmacológico da dor em pacientes com câncer.</p>	<p>Terapia medicamentosa Terapia não medicamentosa Trabalho multiprofissional e comunicação</p>	<p>- As ações de enfermagem estão relacionadas para minimizar a dor do paciente, por meio da administração de analgésicos, especialmente opióides. Ainda, algumas medidas como aplicação de calor, mudanças de decúbito e estímulo para deambular, como também medidas de atenção e proximidade com paciente. O trabalho multiprofissional, pautado pelas ações educativas e a comunicação.</p>

<p>FARMANI, A.H. et al. Dataset on the nurses' knowledge, attitude and practice towards palliative care. <b>Elsevier</b>, dezembro 2018; 22:319-325.</p>	<p>Pesquisar conhecimentos, atitudes e práticas de enfermeiros que trabalhavam nos hospitais da Universidade de Ciências Médicas Neyshabur em cuidados paliativos.</p>	<p>Terapia medicamentosa  Escala de avaliação da intensidade da dor</p>	<p>- As práticas de enfermagem relacionados a dor do paciente em cuidados paliativos ocorre por meio da administração de medicações, especialmente morfina, visto que 78,4% dos profissionais usam morfina para dor intensa. E para avaliação da dor do paciente, 65,8% dos profissionais avaliam a dor por meio da intensidade.</p>
<p>GÓES, T. R. P. <b>Percepção do profissional sobre dor e analgesia em cuidados paliativos: um estudo fenomenológico.</b> Niterói, 2018.</p>	<p>Compreender a percepção dos profissionais de enfermagem sobre dor e analgesia em cuidados paliativos</p>	<p>Terapia medicamentosa Terapia não medicamentosa</p>	<p>- A prescrição médica é a forma pela qual os profissionais entendem como correta e eficaz do tratamento, a equipe demonstra uma certa dependência da prescrição, o que acaba por banalizar o conhecimento técnico científico e as diversas formas de cuidado existentes. - Proporcionar conforto é a principal descrição da autoavaliação desses profissionais seguida de empatia, o que traduz a humanização desses profissionais, que embora tenham as suas ações aprisionadas pela cultura de seguir o que está prescrito, a essência está na promoção do conforto.</p>
<p>SILVA, T.P et al. Aspectos contextuais sobre o gerenciamento do cuidado de enfermagem à criança com dor oncológica crônica. <b>Texto &amp; contexto enferm.</b>, Florianópolis, SC, 27, n. 3, e3400017, 2018.</p>	<p>Discutir os aspectos contextuais relacionados ao gerenciamento do cuidado de enfermagem à criança hospitalizada com dor.</p>	<p>Terapia medicamentosa  Trabalho humanizado</p>	<p>- O uso de opioides foi revelado com importante estratégia para o controle da dor oncológica crônica, porém, nem sempre, esses medicamentos proporcionam o alívio necessário, no contexto estudado. - O cuidado de enfermagem com criança com dor oncológica é complexo, dessa forma o conhecimento técnico, científico, sensibilidade e preparo emocional para lidar com a criança e família.</p>



<p>SILVA, T.P. et al. Estratégias de ação e interação para o cuidado à criança hospitalizada com dor oncológica crônica. <b>Texto &amp; contexto enferm.</b>, Florianópolis, S C, v. 27, n. 4, e3990017, 2018.</p>	<p>Discutir, a partir do referencial da complexidade, as estratégias de ação e interação adotadas pelos profissionais de saúde para o cuidado à criança hospitalizada com dor oncológica crônica.</p>	<p>Abordagem lúdica e humanizada Trabalho em equipe</p>	<p>- Por meio das falas dos participantes revelou-se que a utilizam do lúdico, diálogo, empatia, relação afetiva e o trabalho em equipe são estratégias utilizadas para cuidar da criança com dor oncológica. Entretanto, a abordagem lúdica emergiu como um importante mecanismo de ação para enfrentar a dor do paciente com dor.</p>
<p>SANTOS, F.F. et al. Associated factors with the knowledge of nurses of a high complexity oncology centre in Brazil, on the management of cancer pain. <b>E cancer medical science</b>. Maio 2019; 13:928.</p>	<p>Avaliar o conhecimento dos enfermeiros oncológicos sobre o manejo da dor, bem como os fatores associados a ela.</p>	<p>Terapia medicamentosa</p>	<p>- Quase todos os profissionais relataram os aspectos conhecidos relacionados à avaliação da dor (92,1%). As estratégias terapêuticas mais conhecidas foram analgesia medicamentosa (99,2%) e medicações adjuvantes para alívio da dor (75,4%).</p>

Fonte: Silva (2020).

A avaliação da intensidade da dor por meio de escalas estava presente em 4 estudos. Ainda, o trabalho multiprofissional e o trabalho em equipe, pautado pelo meio da comunicação foi encontrado em dois artigos como uma forma de gerenciar a dor do paciente de forma mais efetiva.

136

Observou-se que na maioria dos estudos (7 dos 10) a atuação dos profissionais de enfermagem frente a dor em pacientes oncológicos não era realizada utilizando-se de apenas um método em específico, mas sim da associação de terapias farmacológicas, não farmacológicas e avaliação da intensidade a finalidade de promover alívio da dor, seja ela física, mental, emocional ou social.

Em relação ao perfil profissional 3 artigos referem-se apenas ao profissional enfermeiro, 6 a equipe de enfermagem e 1 a equipe multidisciplinar, com participação de médicos, psicólogos e equipe de enfermagem.

#### 4 DISCUSSÃO

O achado desse estudo evidenciou que a terapia medicamentosa é a mais utilizada para minimizar a dor oncológica. Assim, a utilização de terapia

medicamentosa no controle de dor oncológica deve ocorrer a partir de cuidadosa avaliação de suas características, como origem da dor, intensidade, aspectos psicossociais associados e também o impacto ocasionado na qualidade de vida dos pacientes (OMS, 2001).

Das classes medicamentosas mais utilizadas pode-se citar: analgésicos não opióides sendo anti-inflamatórios não hormonais (AINH) e analgésicos simples, opióides fracos como a codeína e tramadol e como opióides fortes a morfina metadona. A introdução desses medicamentos deve ocorrer conforme recomendação da escada analgésica estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde, que sugere manejo analgésico a partir da intensidade da dor apresentada, sendo que dores de leve intensidade deverão ser tratadas com analgésicos não opióides associados a medicamentos adjuvantes, dores moderadas deverão ter adição de opióide fraco e dores de forte intensidade tratadas com opióides fortes também associados a medicamentos adjuvantes (OMS, 2001).

A introdução de opióide forte continua sendo a principal escolha para o manejo da dor oncológica (CHAPMAN; EDWARDS; BOLAND *et al.*, 2020), porém estes devem ser utilizados com cuidados redobrados devido a ocorrência de efeitos colaterais (SILVA; MENDANHA; GOMES, 2020), sendo os mais comuns a constipação, sedação, fadiga, boca seca e náuseas, além de seu uso por tempo prolongado ter possibilidade de acarretar abuso e dependência (MANCHIKANTI, 2008).

Outra forma encontrada para promover alívio da dor em pacientes oncológicos requer da equipe de enfermagem implementação de medidas não farmacológicas complementares, entretanto essas ações podem ser prejudicadas devido às demandas excessivas de trabalho (OLIVEIRA JUNIOR *et al.*, 2017). Dentre as ações não farmacológicas, Stübe *et al.* (2015) cita o emprego de medidas de conforto como a aplicação de calor, mudanças de decúbito e estímulo a deambulação como auxilia dor no manejo da dor oncológica.

A aplicação destas medidas deve ser avaliada diante da individualidade, subjetividade da dor e aceitação de cada paciente, estudo realizado em um hospital de referência para tratamento de câncer no Nordeste do Brasil, evidenciou que 88% dos pacientes oncológicos apresentaram-se satisfeitos com a utilização de medidas farmacológicas, enquanto 50% relataram a insatisfação ao serem submetidos a

métodos não farmacológicos, afirmando que estas podem não estar sendo aplicadas em sua totalidade e enfatizou a importância do aperfeiçoamento da prática (PEREIRA *et al.*, 2015).

Ainda, a comunicação é de extrema importância na assistência humanizada ao paciente oncológico com dor. Sabe-se que o uso dessa prática por enfermeiros contribui na promoção do alívio da dor em pacientes oncológicos, pois permite o estabelecimento de vínculo da tríade profissional-paciente-família. Como também permite melhor avaliação e levantamento de problemas, a fim de encontrar soluções, além de fortalecer a confiança no profissional, o que permite a prestação de serviço de qualidade possibilitando melhor controle da dor e demais sintomas associados, (ANDRADE; PEDROSO; WEYKAMP, *et al.*, 2019).

A comunicação deve acontecer de forma efetiva também no dia a dia do trabalho entre as equipes de saúde, pois reflete diretamente na qualidade dos serviços prestados ao paciente (NOGUEIRA; RODRIGUES, 2015). Além disso, o trabalho em equipe contribui para melhorar as relações de trabalho entre os profissionais, o que os aproxima das reais necessidades do paciente e os permite atuar de forma diferenciada nos serviços de saúde (MATOS; PIRES; SOUSA, 2010).

Considerando a subjetividade da dor, a mesma não pode ser mensurada por instrumentos físicos, como ocorre para avaliação do peso ou da temperatura corporal, com o uso de balança e termômetro (SOUZA, 2002; BOTTEGA; FONTANA, 2010). Assim, existem escalas que auxiliam o enfermeiro nessa mensuração complexa e pessoal, dentre as escalas pode-se citar as unidimensionais e as multidimensionais (SOUZA, 2002).

A dor é considerada o quinto sinal vital, dessa forma a mesma deve ser avaliada com os demais sinais pela equipe de enfermagem, para auxiliar no tratamento e no melhor manejo terapêutico. Pesquisa realizada com enfermeiros, sobre as impressões dos mesmos referente ao uso da escala visual analógica para dor, identificou que a aplicação da escala contribui para o planejamento da assistência, para tomada de decisão e a eficácia do tratamento, tornando o atendimento humanizado e de acordo com as necessidades do paciente (BOTTEGA; FONTANA, 2010).

O enfermeiro como líder de equipe exerce papel fundamental na atuação com pacientes com dor, visto que se mantém mais tempo próximo ao paciente, é capaz de realizar adequada avaliação clínica e promover medidas de controle de dor de forma

efetiva (ANDRADE *et al.*, 2018). Entretanto, poucos são os profissionais de enfermagem capacitados para avaliar a subjetividade da dor do paciente, visto que a dor muitas vezes pode ser subjugada ou subtratada.

## 5 CONCLUSÃO

Com este trabalho conclui-se que a principal forma de atuação dos profissionais de enfermagem frente a pacientes com dor oncológica ocorre por meio da terapia medicamentosa, seguindo também com a aplicação de medidas não farmacológicas que se usadas em sua totalidade promovem conforto e conseqüentemente alívio da dor. A comunicação como forma de humanização do cuidado fez-se presente por favorecer vínculo do paciente com a equipe de enfermagem e permitir execução com qualidade dos serviços prestados. Portanto é de suma importância a atuação desses profissionais no manejo da dor oncológica.

Considerando que a principal atuação na dor do paciente oncológico ocorre através da terapia medicamentosa, vale repassar a importância da atuação do enfermeiro como líder de equipe, com o intuito de assegurar a segurança do paciente sob supervisão dos processos assistenciais.

139

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, F.L.M *et al.* Dor oncológica: Manejo clínico Realizado por Enfermeiros. **Rev. Univ. Vale Rio Verde (online)**, Três Corações, MG, v. 8, n. 1, p. 3-16, 2018.

ANDRADE, G.B *et al.* Palliative Care and the Importance of Communication Between Nurse and Patient, Family and Caregiver. **Rev. Pesq.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 3, p. 713-717, abr./jul. 2019.

BOAVENTURA, A.P; VEDOVATO, C.A; SANTOS, F.F. Perfil dos pacientes oncológicos atendidos em uma unidade de emergência. **Cienc. enferm**, Concepción, Chile, v. 21, n. 2, p. 51-62, ago. 2015.

BOTTEGA, F.H; FONTANA, R.T. A dor como quinto sinal vital: utilização da escala de avaliação por enfermeiros de um hospital geral. **Texto & contexto enferm.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 283-290, jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor.** - Rio de Janeiro: INCA, 2001.

CHAPMAN, E.J *et al.* Practice review: Evidence-based and effective management of pain in patients with advanced cancer. **Palliat Med.**[S.l.], v.34, n. 4, p. 444-453, 2020.

CHOTOLLI, M.R; LUIZE, P.B. Métodos não farmacológicos no controle da dor oncológica pediátrica: visão da equipe de enfermagem. **Rev. Dor.**, São Paulo, SP, v. 16, n. 2, p. 109-113, jun. 2016.

CROSSETTI, M.G.O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. **Rev. gaúch. enferm.**, Porto Alegre, RS, v. 33, n. 2, p. 8-9, jun. 2012.

CUNHA, F.F.; REGO, L.P. Enfermagem diante da dor oncológica. **Rev. Dor.** São Paulo, SP, v. 16, n. 2, p. 142-145, 2015.

FARMANI, A.H. *et al.* Dataset on the nurses' knowledge, attitude and practice towards palliative care. **Elsevier**, v. 22, p. 319-325, dez. 2018.

GALVÃO, T.F.; PEREIRA, M.G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. serv. saúde.** Brasília, DF, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar. 2014.

GÓES, T. R. P. **Percepção do profissional sobre dor e analgesia em cuidados paliativos:** um estudo fenomenológico. Niterói, 2018.

140

IASP - International Association of Study of Pain. **Guide to Pain Management in Low-Resource Settings.** 2010. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/rdcms-iasp/files/production/public/Content/ContentFolders/Publications2/LowResourceGuide/KopfPatelGuia\\_Portuguese.pdf](http://s3.amazonaws.com/rdcms-iasp/files/production/public/Content/ContentFolders/Publications2/LowResourceGuide/KopfPatelGuia_Portuguese.pdf). Acesso em: 04 maio 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2020:** incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019.

LARA, H, *et al.* Conhecimento dos Profissionais de Enfermagem no Manejo da Dor de Pacientes Oncológicos. **Rev. Aten. Saúde**, São Caetano do Sul, SP, out./dez. v. 16, n. 58, p. 49-56, 2018.

MACEDO, A.C.P.A.; ROMANEK, F.A.R.M.; AVELAR, M.C. Gerenciamento da dor no pós-operatório de pacientes com câncer pela enfermagem. **Rev. dor.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 133-136, jun. 2013.

MACHADO, S.M; SAWADA, N.O. Avaliação da qualidade de vida de pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico adjuvante. **Texto & contexto enferm.** Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 750-757, dez. 2008.

MANCHIKANTI, L; MANCHIKANTI, K.N; PAMPATI, V; CASH, K.A. Prevalence of side effects of prolonged low or moderate dose opioid therapy with concomitant

benzodiazepine and/or antidepressant therapy in chronic non-cancer pain. **Pain Physician**. [S.l.], v.12, n. 1, p. 259-267, 2009.

MATOS, E.; PIRES, D.E.P.; SOUSA, G.W. Relações de trabalho em equipes interdisciplinares: contribuições para novas formas de organização do trabalho em saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, DF, v. 63, n. 5, p. 775-781, out. 2010.

MENDES, K.D.S; SILVEIRA, R.C.C. P; GALVAO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto enferm.** Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008.

NASCIMENTO, L.A. *et al.* Manejo da dor e dificuldades relatadas pela equipe de enfermagem na administração de opióides. **Rev. eletrônica enferm.**, Goiânia, GO, v. 13, n. 4, p. 714-720, out./dez. 2011.

NOGUEIRA, J.W.S; RODRIGUES, M.C.S. Comunicação efetiva no trabalho em equipe em saúde: Desafio para segurança do paciente. Brasília: **Cogitare Enferm.**, Brasília, DF, v. 20, n. 3, p. 636-640, jul./set. 2015.

OLIVEIRA, A.L.; SOBRINHO, N.P.; CUNHA, B.A.S. Manuseio da dor crônica em pacientes oncológicos pela equipe de enfermagem. **Rev. dor.**, São Paulo, SP, v. 17, n. 3, p. 219-222, set. 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, N.J. *et al.* O papel da enfermagem no tratamento não farmacológico da dor de pacientes oncológicos. **Rev. dor.**, São Paulo, SP, v. 18, n. 3, p. 261-265, set. 2017.

SANTOS, F.F. *et al.* Associated factors with the knowledge of nurses of a high complexity oncology centre in Brazil, on the management of cancer pain. **E cancer medical science**. v. 13, p. 928, maio 2019.

PEREIRA, D.T.S; ANDRADE, L. L.; AGRA, G.; COSTA, M.M.L. Conduitas terapêuticas utilizadas no manejo da dor em oncologia. **Rev. Pesq.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 1, p. 1883-1890, jan./mar. 2015.

SILVA, L.J.; MENDANHA, D.M.; GOMES, P.P. O uso de opioides no tratamento da dor oncológica em idosos. **BrJP.**, São Paulo, SP, v. 3, n. 1, p. 63-72, jan. 2020.

SILVA, T.P *et al.* Aspectos contextuais sobre o gerenciamento do cuidado de enfermagem à criança com dor oncológica crônica. **Texto & contexto enferm.**, Florianópolis, SC, 27, n. 3, e3400017, 2018.

SILVA, T.P. *et al.* Estratégias de ação e interação para o cuidado à criança hospitalizada com dor oncológica crônica. **Texto & contexto enferm.**, Florianópolis, SC, v. 27, n. 4, e3990017, 2018.

SONG, W. *et al.* Evaluation of Evidence-based Nursing Pain Management Practice. **Pain manag. nurs.**, v. 16, n. 4, p 456-463, 2015.

SOUSA, F.A.E.F. Dor: o quinto sinal vital. **Rev. latinoam. enferm.**, Ribeirão Preto SP, v.10, n. 3, p. 446-7, 2002.

SOUZA, M.T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein.**, São Paulo, SP, v. 8, n. 1, p. 102-6, 2010.

SILVA, E.; ALMEIDA, K.C.; PESSOA, G.S.C. Análise do gasto com judicialização de medicamentos no Distrito Federal, Brasil. **Cad. Ibero Am. Direito Sanit.**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 112-126, jan./mar. 2017.

STÜBE, M. *et al.* Percepções de enfermeiros e manejo da dor de pacientes oncológicos. **REME rev min enferm.**, Belo Horizonte, BH, v. 19, n. 3, p. 696-703, jul./set. 2015.